

## Polifonia, interlocução e intertextualidade nos poemas “Minha infância” de Cora Coralina e “Infância” do angolano Ernesto Lara Filho<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup> Msc Rosidelma Pereira Fraga - UFG  
Pâmela da Silva; Joaquelane Alves;  
James Ferreira; Adryanna Loureiro.  
(Graduandos de Letras – UFG/Campus Jataí)



Este artigo foi dividido em duas partes sequenciais. No primeiro momento, explicitaremos alguns conceitos críticos e teóricos acerca da literatura comparada, intertextualidade e polifonia, com base nos pressupostos críticos e teóricos: Leyla Perrone Moisés (1990), Julia Kristeva (1974), Paulo Henriques Brito (2000), Mikhail Bakhtin (1988), Laurent Jenny (1979), Rita Chaves, Darcy França Denófrio e Goiandira Ortiz de Camargo (2007), dentre outros aclamados ao longo do trabalho. Já no segundo instante, demonstraremos algumas confluências nos temas, a saber: infância, memória lírica e interlocução nos poemas de Cora Coralina e do angolano Ernesto Lara Filho. Mostraremos a relevância de tais conceitos e a interrelação na poética dessas duas vozes das literaturas em língua portuguesa, partindo de uma leitura pelo método temático de literatura comparada.

Leyla Perrone Moisés (1990), no ensaio “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”, conferido em *Flores da escrivantina*, afirma que qualquer estudo que reflita sobre as relações entre duas ou mais literaturas nacionais podem ser considerados literatura comparada. Estamos a considerar duas literaturas de língua portuguesa, nas relações entre Brasil e Angola. “Tais relações podem ser estudadas sobre vários enfoques, como por exemplo, entre obra e obra; entre autor e autor; entre movimento e movimento”. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 92). Portanto, a Literatura Comparada, através de seus

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido, a partir das linhas de pesquisa “poéticas da modernidade” e “literatura comparada”, nas quais a professora Rosidelma Fraga se vincula em sua pesquisa de Mestrado e Doutorado. O artigo é o resultado da pesquisa de prática como componente curricular, no Curso de Letras, na UFG/Campus Jataí, coordenado e orientado pela referida docente, em 2009.

métodos, visa a encontrar pontos de semelhança e influência entre as literaturas, como também pode aproximar literaturas distintas e duas culturas tão próximas.

Para se fazer um estudo no âmbito da Literatura comparada é necessário uma reflexão sobre a intertextualidade, pois a teoria do comparativismo mostra que a literatura é produzida através de um constante dialogar de textos, que pode ocorrer por retomada, empréstimos e trocas. Quando se propõe estudar as obras de determinados poetas confessionais, quase sempre é necessário fazer a leitura feita pelo autor, a fim de compreender a obra lida, que são os casos do confessionalismo dos dois poetas deste estudo.

Segundo Julia Kristeva (1974), a intertextualidade consiste na absorção de um texto que relê um texto, transformando ou conservando o sentido do texto dialogado, o que nos faz entender que a intertextualidade se faz presente em diversas obras poéticas. Portanto, exterior à intertextualidade, a obra literária seria incompreensível; isso porque para se compreender uma obra literária é necessário que leitor recorra às leituras feitas pelo autor e assim chegue à compreensão do que o texto diz, na relação entre leitor, obra e público, como bem explica Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*.

Confirmando essa visão da intertextualidade, citamos a visão de Paulo Henriques Britto (2000, p. 128) no texto “Poesia e Memória”, afirmando que a intertextualidade já existia desde a poesia do passado não sendo, portanto uma invenção do século XX o que é uma característica também da poesia pós-lírica e acrescenta que:

(...) dois traços, porém, me parecem característicos da poesia pós-lírica: a tendência a dar mais importância à intertextualidade do que a experiência não literária; e a tendência a exigir do leitor um cabedal de conhecimentos de tal modo especializado que a leitura só se torna viável se for feita paralelamente com uma série de notas e explicações. (...) a noção de realidade extratextual é um superstição, e que a realidade nada mais é do que um entrecruzar de textos (BRITTO, 2000, p. 128)

Sob esse prisma, quando se estuda um determinado período literário, é necessário ter o conhecimento do período que o antecede, assim como a poética intertextual, para que assim possa compreender os mecanismos que o constituem e sua origem. Assim, escrever é dialogar com a literatura do passado e com a contemporânea, como afirma Leyla Perrone Moisés (1990):

A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação por consentimento ou contextualização, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever [...], é dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

Os poemas de Cora Coralina e Ernesto Lara Filho que iremos analisar estabelecem relação intertextual entre si no que tange ao processo temático. De acordo com Laurent Jenny (1979, p. 15): no texto *A estratégia da forma*, não se pode falar de intertextualidade sem que o papel temático desta imagem não estabeleça qualquer relação entre os dois textos <sup>2</sup>. Podemos verificar ao longo dos poemas que a intertextualidade é se dá pela recorrência constante da memória coletiva e pelo viés do tema da infância; tanto Cora Coralina como Ernesto Lara Filho abordam a infância reprimida e o nosso papel de analista será investigar como esse eixo temático se processa nos textos e desdobram em sentido poético.

Julia Kristeva (1969, p. 13), explicando sobre a intertextualidade, diz que “todo texto se constrói com um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos”, retomando assim as propostas de Bakhtin (1988) que faz uma abordagem sobre dialogismo dentro dos romances, percebendo uma pluralidade de vozes, uma polifonia, um diálogo interno da obra. Tal dialogismo e/ou pluralidade de vozes é visto nos poemas “Infância” de Ernesto Lara Faria Filho e “Minha Infância” de Cora Coralina, que serão analisados neste artigo.

A literatura comparada olha a obra literária como um produto de uma história anterior. É possível então constatar que a obra literária não é uma obra fechada, que não transmite informação, e sim algo cristalizado que vai além de uma simples informação, ela está em constante transformação com a própria história. Leyla Perrone Moisés (1990) afirma que se deve olhar a obra literária não como um fato consumado e imóvel, mas como algo em movimento, visto que ela traz em si marcas de sua criação.

Analisaremos os poemas na seguinte ordem: Cora Coralina e Ernesto Lara Filho, não com o intuito de afirmar influências pejorativas, mas elegemos pelo critério de ordem cronológica de nascimento dos poetas.

### **Minha Infância**

De pernas moles, caindo à toa. Minha infância (Freudiana)  
Éramos quatro as filhas de minha mãe.  
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.  
Duas me precederam - eram lindas, mimadas.  
Devia ser a última, no entanto,  
veio outra que ficou sendo a caçula.  
Quando nasci, meu velho Pai agonizava,  
logo após morria.  
Cresci filha sem pai,  
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.  
Amarela, de rosto empalorado.  
Os que assim me viam - diziam:

---

<sup>2</sup> Cf. Laurent Jenny (1979).

"- Essa menina é o retrato vivo  
do velho pai doente."  
Tinha medo das estórias  
que ouvia, então, contar:  
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.  
Almas penadas do outro mundo e do capeta.  
Tinha as pernas moles  
e os joelhos sempre machucados,  
feridos, esfolados.  
De tanto que caía.  
Caía à toa.  
Caía nos degraus.  
Caía no lajedo do terreiro.  
Chorava, importunava.  
De dentro a casa comandava:  
"- Levanta, moleirona."  
Minhas pernas moles desajudavam.  
Gritava, gemia.  
De dentro a casa respondia:  
"- Levanta, pandorga."  
Caía à toa...  
nos degraus da escada,  
no lajeado do terreiro.  
Chorava. Chamava. Reclamava.  
De dentro a casa se impacientava:  
"- Levanta, perna-mole..."  
E a moleirona, pandorga, perna-mole  
se levantava com seu próprio esforço.  
Meus brinquedos...  
Coquilhos de palmeira.  
Bonecas de pano.  
Caquinhos de louça.  
Cavalinhos de forquilha.  
Viagens infundáveis...  
Meu mundo imaginário  
mesclado à realidade.  
E a casa me cortava: "- menina inzoneira!"  
Companhia indesejável - sempre pronta  
a sair com minhas irmãs,  
era de ver as arrelias  
e as tramas que faziam  
para saírem juntas  
e me deixarem sozinha,  
sempre em casa.  
A rua... a rua!...  
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)  
- proibida às meninas do meu tempo.  
Rígidos preconceitos familiares,

normas abusivas de educação  
- emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,  
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,  
eu via por um vidro quebrado, da vidraça  
empanada.

Na quietude sepulcral da casa,  
era proibida, incomodava, a fala alta,  
a risada franca, o grito espontâneo,  
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação... Comportamento estreito,  
limitando, estreitando exuberâncias,  
pisando sensibilidades.

A gesta dentro de mim...

Um mundo heróico, sublimado,  
superposto, insuspeitado,  
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,  
acrimoniosa repisava:

"- Menina inzoneira!"

O sinapismo do ablativo  
queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.

Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.

Repreensões ferinas, humilhantes.

E o medo de falar...

E a certeza de estar sempre errando...

Aprender a ficar calada.

Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,  
esta cinza que me cobre...

Este desejo obscuro, amargo, anárquico  
de me esconder,

mudar o ser, não ser,

sumir, desaparecer,

e reaparecer

numa anônima criatura

sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.

Chorona.

Amarela de rosto empalamado,  
de pernas moles, caindo à toa.

Um velho tio que assim me via

- dizia:

"- Esta filha de minha sobrinha é idiota.

Melhor fora não ter nascido!"

Melhor fora não ter nascido...

Feia, medrosa e triste.

Criada à moda antiga,

- ralhos e castigos.  
Espezinhada, domada.  
Que trabalho imenso dei à casa  
para me torcer, retorcer,  
medir e desmedir.  
E me fazer tão outra,  
diferente,  
do que eu deveria ser.  
Triste, nervosa e feia.  
Amarela de rosto empapuçado.  
De pernas moles, caindo à toa.  
Retrato vivo de um velho doente.  
Indesejável entre as irmãs.  
Sem carinho de mãe.  
Sem proteção de pai...  
- melhor fora não ter nascido.  
E nunca realizei nada na vida.  
Sempre a inferioridade me tolheu.  
E foi assim, sem luta, que me acomodei  
na mediocridade de meu destino.  
(CORALINA. In: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*)

### **Infância**

Para o Camariangue  
Lembras-te, Ungueta  
De quando íamos os dois de bicicleta para a Praia Morena  
Ver o sol morrer no sombreiro?  
Lembras-te, Ungueta  
De quando íamos os dois de bicicleta comprar cachos  
De banana no cavaco?  
(...)  
Paizinho  
Volta a esses tempos pela minha mão,  
Volta terno e meigo como, quando me afagavas – eu doente  
Impaludado ou cheio de icterícia  
Curada com xandala  
Volta, nem que sejas violento como quando me batias  
Impiedosamente,  
Mas volta  
Inteiro e integral como eu te conheci sempre,  
Como aprendi a amar-te  
A ti e à minha terra,  
Que adoravas tanto.  
Volta a falar umbundu como os antigos africanos de benguela,  
Mas volta para que nada se quebre.  
Nada. Nem o perfume dos nossos quintalões.  
(...)

Eu já sabia nesse tempo, velho Lara,  
Que a tua história,  
Que a minha história,  
A nossa história  
Era muito mais bonita do que as aventuras de Sandokan  
De Emílio Salgari  
Mesmo mais bonita  
Do que as histórias que nos contam agora  
De todos aqueles que, lá fora ou cá dentro,  
Duvidam de nós,  
Do nosso amor intenso e acrisolado  
Aos dois palmos de terra que temos na Terra  
Lá do Dondo – uma campá onde ficou um pouco de nós  
De mim e de ti,  
Da família,  
De tudo o que nós amamos  
E amaremos sempre,  
Tranquilamente  
Como quando pedalávamos pelas avenidas floridas  
Da Benguela de antigamente  
(LARA FILHO In: *O Canto de Martrindinde*)

De modo geral, podemos verificar que Cora Coralina e Ernesto Lara Filho utilizam de uma memória lírica narrativa, ao lembrarem episódios da infância, construindo assim uma mitologia de sua origem. Paulo Henriques Britto (2000) afirma que:

[...] O poeta lírico tenta construir uma mitologia pessoal completa, que inclui desde um mito de origem até uma teologia. (...) Para o poeta lírico a memória individual me um repertório de causas, explicações e justificativas que lhe permitam criar o seu mito pessoal de individualidade única e singular (BRITTO, 2000, p. 125).

Percebemos também que há nos poemas traços da memória coletiva, pois os poetas falam também do universo, da convivência familiar. Cora Coralina rememora seu passado e vivências infantis, do qual não demonstra ter saudades, em virtude de ter sido uma criança muito sofrida e rejeitada pela figura paterna, aliás, um poema erguido de palavras, mas que demonstra o retrato de regime patriarcal. Nestes relatos, presenciamos a junção entre a memória coletiva e a memória individual:

Éramos quatro as filhas de minha mãe.  
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.  
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.  
Devia ser a última, no entanto,  
Veio outra que ficou sendo a caçula.  
Quando nasci, meu velho Pai agonizava,  
Logo após morria.  
Cresci filha sem pai,  
secundária na turma das irmãs.



Conforme podemos notar acima, é possível deduzir que o eu - lírico coraliniano sentia a falta do pai, uma vez que o tema da ausência aflora o texto. A possível ideia que se passa é que se o pai não houvesse falecido, ela não seria tão desprezada, instaurando o estranhamento nesse elo de memórias. Os poemas de Cora Coralina e Ernesto Lara Filho, além de se apresentarem convergências pela temática da infância, se assemelham na falta da figura paterna. O que os diferencia é o fato de o angolano, ao contrário da goiana, rememorar sua infância, apresentando o desejo de revivê-la, juntamente com a presença da irmã e do pai que faleceram, aliás, um fato que se pode ver na primeira estrofe e nos versos (8, 9, 10, 11 e 12) de seu poema:

Para o Camariangue  
Lembras-te, Ungueta  
de quando íamos os dois de bicicleta para a praia Morena  
ver o sol morrer no Sombreiro?  
(...)  
Paizinho  
volta a esses tempos pela minha mão,  
volta terno e meigo como, quando me afagavas – eu doente  
impaludado ou cheio de icterícia  
curada com xandala.(LARA FILHO)

Nos traços de memória coletiva presentes no poema do angolano Lara Filho, há também a presença do universo familiar composto pelo pai e pela irmã, em que o poeta, por intermédio de seu mito de origem, apresenta o pai como sendo um herói, comparando a história do pai às aventuras de Sandokan, de Emilio Salgari, que era o Roben Huld da Malásia, um pirata carismático e destemido. Tal comparação faz com que a imagem construída do pai seja de um grande homem. E exalta de uma forma indireta o seu país Angola, a nação de seu pai:

como aprendi a amar-te  
a ti e a minha terra,  
que adoravas tanto.  
Volta a falar umbundu como os antigos africanos de Benguela,  
(V: 17; 18; 19; 20)  
Eu já sabia nesse tempo, velho Lara,  
que a tua história,  
que a minha história,  
a nossa história  
era muito mais bonita do que as aventuras de Sandokan  
de Emilio Salgari  
(V: 23-28)

A memória coletiva presente nos versos acima citados, é como explica Paulo Henrique Brito (2000, p. 124) ao falar da memória épica, em seu texto “poesia e memória”: “Ao cantar ou recitar seu poema, o rapsodo proporciona a seu público o prazer de sentir que faz parte de uma nação heróica, de reconhecer-se nas velhas histórias transformadas em mito coletivo”.



Podemos visualizar ainda nestes versos do poema de Lara Filho, no parágrafo anterior, mais um intertexto com o poema de Cora Coralina. Ambos contam, em forma de poema em prosa, as histórias que ouviram; são histórias típicas da época e cultura onde estavam inseridos. Ernesto Lara Filho, além de narrar histórias de Sandokan, enfoca também as narrativas que eram contadas pelo povo, do presente e do passado nos versos (30 e 31): “do que as histórias que nos contam agora/ de todos aqueles que, lá fora ou cá dentro”.

Acrescentamos que a recorrência da memória coletiva reside na poesia angolana como marcas de um passado nostálgico e “a memória, como impulso enriquecedor, vai recolhendo os fios de uma tradição cultural que se espalha pelo universo das lendas, do mito, da geografia, da música e da História. (CHAVES, 2007, p. 68).

Já na poesia da brasileira Cora Coralina, os dados históricos são evidentes, pois ela cultiva as histórias folclóricas, típicas da cultura brasileira, que ouvia, as quais a amedrontava, conforme podemos comprovar nos versos (16-19):

Tinha medo das estórias  
que ouvia, então, contar:  
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.  
Almas penadas do outro mundo e do capeta.

Há nos poemas de Cora Coralina e Lara Filho uma polifonia de vozes. No que tange ao universo polifônico na poesia, Suely Reis Pinheiro (2003) em seu texto *O mundo cromático e polifônico na obra de Cora Coralina*, ao se embasar nas teorias de Bakhtin, assim explica o mundo polifônico:

O mundo polifônico se compõe de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e emissivas que participam do diálogo com outras vozes e outras consciências em pé de igualdade, sem perder seu ser, enquanto caráter autônomo. (REIS, 2003, p. 138).

O mundo polifônico no poema de Cora apresenta vozes da casa, dos registros familiares, do urbano, da sociedade. Tais vozes são perceptíveis quando o eu-lírico de Cora Coralina explicita a rejeição dos familiares:

Esta filha de minha sobrinha é idiota/ Melhor fora não ter nascido!  
dos momentos em que até a casa parece insulta-lhe: *De dentro a casa respondia: Levanta, pandorga. / De dentro a casa se impacientava: Levanta, perna-mole... / E a casa me cortava: Menina inzoneira!* (versos 66, 67 á 70)

Cora Coralina cria uma poética oriunda dos costumes da época e explicita o quanto a criança era castigada e repreendida, visto que as meninas de sua época eram proibidas de sair nas ruas. Por excelência, a rua era o paraíso mítico das vivências e novas descobertas, mas os preconceitos familiares eram rígidos e as normas de educação eram abusivas, proibindo esse aflorar do imaginário, como mostra a décima segunda estrofe do poema:

A rua... a rua!...  
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)  
– proibida às meninas do meu tempo.  
Rígidos preconceitos familiares,  
normas abusivas de educação  
– emparedavam.

É demonstrada no poema acima, a voz interior, traduzida na exteriorização de seu pensamento do eu-lírico que fala de seu tempo. Essa voz é revelada, ao relatar o desejo que Cora Coralina sentia em sua velhice, de não existir, expressos nos versos, a saber:

Este desejo obscuro, amargo, anárquico  
de me esconder,  
mudar o ser, não ser  
sumir, desaparecer,  
e reaparecer  
numa anônima criatura  
sem compromisso de classe, de família. (V: 34-40).

O sentimento de inferioridade e o pessimismo perseguem a voz do eu-lírico “fingidor” que parece confundir com o autor. Nessa perspectiva, notamos então um possível confessionalismo poético, pois além de manifestar esse desejo de não ter existido, nas duas últimas estrofes do poema a poeta reclama mais uma vez o fato de ter sido desprezada pelas irmãs, de não ter recebido o carinho de sua mãe e não ter tido a presença e a proteção paterna, por via do próprio destino:

E nunca realizei nada na vida.  
Sempre a inferioridade me tolheu.  
E foi assim, sem luta, que me acomodei  
na mediocridade do meu destino.

Tal estrofe possibilita uma veia de pessimismo e inferioridade humana, mas confunde o próprio leitor no que se refere ao tom confessional da poesia, pois a leitura biográfica de Cora Coralina desfaz a afirmação desse eu-lírico fingidor que aludimos no parágrafo anterior e, lembramos Aristóteles (1987), em sua *Poética*, ao enunciar que o objetivo do poeta não é narrar os fatos como aconteceu, mas como gostaria que tivesse acontecido.

No que se refere ao poema de Ernesto Lara Filho, verificamos uma aproximação do poeta com os românticos, pelo fato do “eu” poético de Ernesto Lara Filho chorar desesperadamente a morte da irmã e do pai, mas neste poema que estamos a analisar o tema principal é a saudade do pai e o relato do grande amor que havia entre eles, fato perceptível nos versos a seguir: “Volta, nem que sejas violento como quando me batias/ impiedosamente,/ mas volta/ inteiro e integral como eu te conheci sempre,/ como aprendi a amar - ti.” Apesar da excelente atualização do discurso verberativo do estado de coisas, Ernesto Lara Filho não coletiviza, necessariamente, a voz.

O que foi possível perceber neste poema do angolano foi uma oralidade narrativa integrativa, que de acordo com Walter Benjamim (1985) é o fato de o narrador recorrer, em suas narrativas as experiências vividas, tanto as dele como as que são relatadas por outros. Como nos versos (20, 30 e 31) do poema: “Volta a falar *umbundu* como os antigos africanos de Benguela/ do que as histórias que nos contam agora/ de todos aqueles que, *lá fora* ou *cá dentro*,/ duvidam de nós,” (grifos nossos). No verso 20, possivelmente, o poeta está a remeter as histórias que o pai contava a respeito dos antigos africanos e da linguagem deles e nos versos 30 e 31 o poeta se refere às histórias contadas a respeito do passado e do presente, ou seja, as experiências que eram passadas de geração em geração.

Vimos também uma interlocução no poema do angolano, como também uma oralidade marcada pelo diálogo do sujeito lírico com a irmã e com o pai, como se pode ver nos versos a seguir: “Lembras-te, Ungueta/ de quando íamos os dois de bicicleta comprar [cachos de bananas no Cavaco? [...]. Eu já sabia velho Lara,/ que a tua história”. Para explicar essa interlocução artística de Ernesto Lara Filho, citamos a obra *Da teoria literária a cultura de massa*, do crítico Robert Stam (1992):

Uma interlocução, um meio termo entre o texto e um leitor cuja compreensão receptiva é buscada e antecipada, e de quem o texto depende para sua concretização. Tanto Bakhtin com a teoria da recepção resistem isolamento formalista do texto; postulam leitores reais, ativos, com a diferença de que Bakhtin dá uma densidade social mais específica aos leitores “virtuais”, “implícitos” e “ideais” da teoria, munindo-os de um endereço concreto, um nome, um gênero, uma classe, uma nação. (STAM, 1992, p. 13).

Nessa perspectiva de interlocução, o poeta angolano direciona o leitor para a focalização de sua história com seu pai. O poeta escreve sobre o laço afetivo que havia entre o pai e ele, um amor purificado, por excelência: “*de nosso amor intenso e acrisolado*”. Esse amor é relatado no instante em que o poeta revive o enterro do pai, que foi numa sepultura no *Dondo*, uma cidade de Moçambique, e ali ficou também, segundo o poeta, um pouco de si e da família, instaurando as marcas da saudade e da infância. A rigor, assim como em *Cora Coralina*, na obra de Ernesto Lara Filho perpassa um confessionalismo poético e uma aproximação do eu - lírico com o eu - biográfico, pois de fato o poeta perdeu a irmã e o pai, e a morte de sua irmã tem sido tema de muitos de seus poemas.

À guisa de considerações finais, constatamos que nos poemas “*Infância*”, de Ernesto Lara Filho e “*Minha Infância*” de Cora Coralina há o entrelaçar da cultura angolana e brasileira, como entrecruzamentos poéticos, tendo em vista os momentos históricos de represália, na perspectiva de uma educação patriarcal em que os poetas estão inseridos. Isso prova que a obra literária se relaciona com a história e outras propostas interdisciplinares. Diante das considerações teóricas e das análises feitas, inferimos que os poemas se intertextualizam em diversos momentos. E que tais teorias foram essenciais

nesta comparação analítica de poéticas. Este trabalho nos levou a várias pesquisas, a fim de que pudéssemos discorrer sobre o tema proposto e possibilitou-nos ampliar nosso conhecimento literário e, sobretudo, pela relevância de conhecer Ernesto Lara Filho, poeta angolano pouco conhecido, e Cora Coralina, uma renomada poetisa da literatura brasileira. Os poemas foram fundamentais para compreendermos que as obras literárias trazem e transmitem conhecimento do ser humano, onde a palavra poética se converge e se solidariza, nas vozes polifônicas e temáticas entre Brasil e Angola.

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES; HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. 7. ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1987.

BRITTO, Paulo Henriques In: Célia Pedrosa (Org.). *Mais poesia hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000 V. 1, p. 124 -131.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999;

CHAVES, Rita. Poesia angolana: contra a corrente, a favor da esperança. In: *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê editorial, 2005.p.63-68.

CORALINA, Cora: *Poemas dos Becos de Goiás e Histórias Mais*. Circulo do Livro: São Paulo, 1965.

DENÓFRIO, Darcy França. CAMARGO, Goiandira Ortiz (Org) *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia. Cãnone, 2007.

JENNY Laurent, DALLENBACH Lucien. *Poétique: Revista de Teoria e Analise Literária; Intertextualidades*. Coimbra, 1979.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LARA FILHO, Ernesto. *Picada de Maribondo*. Nova Lisboa: Bailundo, 1961, (11 poemas).

PERRONE, Leyla Moises: *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 10, agosto, 2010 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br)

PINHEIRO, Suely Reis. Culinária e Literatura: a história do cotidiano com o tempero de Cora Coralina, *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*. V. 3, n. 2. Niterói: Eduff, 2003.

STAM, Robert. *Da teoria literária a cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 10, agosto, 2010 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br)